

Suplemento Cultural

Flora Thomé, a mulher que transformou a poesia em projeto de vida

“Uma lúgubre paz acompanha esta alvorada”
“O sol não mostrará seu rosto por causa de nosso luto”
William Shakespeare

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Dia 1º de abril, a cidade de Três Lagoas amanheceu envolvida em névoa de profunda tristeza.

Flora Egydio Thomé, a educadora que ensinou a inúmeras gerações não apenas desvendar os mistérios da leitura e da escrita, mas acima de tudo sobreviver com dignidade e extrema coragem, num mundo de contradições e incertezas, partiu de repente, deixando-nos com os olhos na escuridão, privados dos raios de sol, que acendeu em nossas almas.

Nascida em Três Lagoas, em 14 de novembro de 1930, passou a longa existência na mesma casa da Rua Bruno Garcia, 146, onde a entrevistei para o livro “A Literatura Sul-mato-grossense na Ótica de seus Construtores”, que Albana Xavier Nogueira e eu organizamos para valorizar e tornar conhecidos nossos escritores.

Extremamente culta, generosa, fiel aos amigos e à família, durante 42 anos lecionou língua portuguesa, tanto nas escolas como na universidade.

Depois que se aposentou, encontrou na literatura e na música a razão de viver. Não conseguia passar um dia sem ler, escrever ou provar o elixir das composições brasileiras de sua predileção.

Nas diversas vezes em que estive em Três Lagoas para lançamento de livros, lia-se no riso, no olhar de Flora, o entusiasmo de poder contribuir até com as despesas dos eventos.

A paixão pelo magistério ela traduziu em ritmo de poesia:

“Uma escola passou pela minha vida
E por vontade pedi carona
Virei giz, quadro-negro e apagador,
virei lição, virei aula”.

Seu primeiro livro foi “Cirrus”. Depois registrou as produções dos poetas do Es-



Professora e acadêmica Flora Egydio Thomé, que nos deixou no dia 1º de abril, na sua terra natal – Três Lagoas-MS

tado em “Antologia Dimensional dos Poetas Três-lagoenses”, que recebeu apoio da universidade, pelo caráter pioneiro.

Em “Canção Desnuda”, tratou a poesia como parte viva da sociedade, na qual pessoas de posses coabitam ao lado de serviços, que ajudam na criação dos filhos e tornam-se amigos da família. Pensando na frase: “pinta tua aldeia e encontrarás o universo”, produziu “Retratos” (resgate lírico de momentos), no qual a memória afetiva da poetisa faz o milagre de trazer de volta o passado com seu arco-íris de emoções.

A poesia de Flora é o reino da entrega, o que a torna parceira das inquietações e angústias de uma memória pessoal e coletiva. A consciência do nada (“o nada-eco do próprio tempo amplia a certeza da fragilidade da condição humana”) definida em metáforas e metonímias, que ferem a pele da sensibilidade do leitor e dão toque de beleza plástica aos poemas.

Nas “Águas do Tempo: Haicais”, seu último livro, capta a transitoriedade do momento em versos curtos e concisos tal qual um pintor impressionista, capaz de fazer a sombra confundir-se com o verde da floresta e o sol apropriar-se do negrume da alma.

Sua obra foi objeto de teses e estudos que não lhe afetaram a modéstia – um de seus traços distintivos. Quando a elogiavam, costumava repetir: “Sou mais professora que poeta e escritora... Só os

“

A poesia de Flora é o reino da entrega, o que a torna parceira das inquietações e angústias de uma memória pessoal e coletiva”

leitores podem opinar sobre minha competência como poeta”.

Durante longos anos, fez parte do Conselho Estadual de Cultura, cujas opiniões davam força às decisões sobre os caminhos da cultura sul-mato-grossense.

Era com muita alegria que vinha de Três Lagoas a Campo Grande participar das reuniões da Academia, onde ocupava a cadeira 33.

Recordo-me da felicidade com que a conduzi no dia da posse, fazendo-lhe a saudação introdutória.

Flora Thomé, filha de libaneses, tinha orgulho da família de sete irmãos, ligados por sentimentos de sinceridade, compreensão e respeito

Ao falar da mãe, guerreira que ficou viúva muito cedo, enfatizava ter sido educada na consciência da família como chão e sustentáculo.

Mato Grosso do Sul ficou mais pobre com o desaparecimento súbito dessa mulher de muitos talentos, fala mansa, sorriso repleto de generosidade, cuja lembrança vive dentro de nós a indicarnos os caminhos da tolerância, do amor ao próximo, da total dedicação às artes, sem nada exigir em troca a não ser a satisfação interior.

Dentro de nós e no seio da literatura de MS, Flora Thomé continua a existir na força do exemplo e da saudade.

O CÉU ESTÁ MAIS FLORIDO...

RUBENIO MARCELO – POETA, ESCRITOR E SECRETÁRIO-GERAL DA ASL

“Uma escola passou pela minha vida e por vontade pedi carona...”
(Flora Thomé)

A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras encontra-se de luto: partiu para outra existência, aos 83 anos de idade, na manhã de 01 de abril (na mesma cidade em que veio ao mundo: Três Lagoas-MS), a acadêmica Flora Egydio Thomé, que sempre com amor e dedicação inseriu naturalmente o lídimo mister literário e educacional no seu *modus vivendi*. O seu ingresso na ASL ocorreu na noite festiva de 16 de agosto de 1986, e a solenidade teve como ponto alto o seu discurso de posse, que assim se iniciou: “Tento superar emoção e sentimento, ressuscitar a palavra e dela fazer objeto de expressão, para, sobretudo, revelar e transmitir meu voto de humildade e orgulho pelo gesto de grandeza dos ilustres acadêmicos, ao me agradecerem – através de legítima votação – com a Cadeira nº 33 deste sodalício, cujo patrono é Ovídio de Paula Corrêa”.

Filha de imigrantes libaneses, Flora Thomé nasceu em 14 de novembro de 1930, numa família de sete irmãos (o seu irmão mais velho, Michel Thomé, foi prefeito de Três Lagoas entre os

anos de 1967/70). Na sua terra natal, Flora realizou os seus primeiros estudos: foi alfabetizada pela professora Lídia Venditti, na tradicional ‘Escola 2 de Julho’ (estabelecimento onde, em 1949, iniciaria a sua carreira no magistério – como professora primária, a convite dos professores João Magiano Pinto e d. Eufrosina Ferreira Pinto).

No ano de 1953, ela foi estudar na recém-inaugurada Escola Normal Dom Aquino Corrêa (de Três Lagoas). Posteriormente, frequentou o curso Cades (Campo Grande) e a Faculdade Estadual de Mato Grosso (Centro Pedagógico de Três Lagoas), adquirindo a sua formação como professora de Língua Portuguesa. Formou-se, pela UFMS, em Letras, e fez pós-graduação em Bauru/SP.

Definida por Maria da Glória Sá Rosa (no seu livro ‘Memória da Cultura e da Educação em MS’) como “uma professora na acepção plena da palavra”, Flora Egydio Thomé lecionou – com o mesmo devotamento – para todos os níveis (do curso primário ao universitário). E ela própria, mesmo após a aposentadoria, parecia consciente da importância (em sua vida) do magistério: ofício que desempenhou por mais de quatro décadas, como bem afirmou no livro ‘A Literatura Sul-Mato-Grossense na Ótica de seus Construtores’ (de Maria G. S. Rosa e

Albana Nogueira): “Considero-me mais professora que poeta e escritora, tão feliz fui na profissão”.

Entretanto, a (já saudosa) confrreira Flora Thomé também assegurava: “Depois que me aposentei, encontrei na Literatura a razão do preenchimento de meus dias (...) não posso passar um dia sem ler, sem escrever ou sem ouvir música”. Assim, escreveu e publicou as seguintes obras: ‘Cirrus’ (poemas), ‘Cantos e Recantos’ (poemas), ‘Canção Desnuda’ (poesia), ‘Retratos’ (poesia), ‘Nas Águas do Tempo’ (Haicais), além de ter organizado a ‘Antologia Dimensional de Poetas Três-lagoenses’ (obra que inclui, por exemplo, poemas de Rosário Congro, Sabino José da Costa, Elmano Soares, Júlio Mancini e outros).

Acadêmica vibrante, Flora revelava com humildade e doçura: “Situo-me como mais uma na Literatura de nosso Estado. Sinto-me feliz por fazer parte da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Recebi homenagens. São momentos que enriquecem a própria existência, ainda mais quando não se tem filhos, nem um companheiro, como eu, porque estas coisas preenchem nosso vazio, diminuem nossa solidão”.

Descanse em paz, Flora Egydio Thomé. Já não há vazio e solidão... há a imensidão dos céus e as sendas floridas do infinito...

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

NOTA DE FALECIMENTO – Estremecidos e pesarosos, comunicamos o passamento da querida confrreira Flora Egydio Thomé, que ocupava

a cadeira 33 da ASL (patrono Ovídio Corrêa), ocorrido no dia 01 de abril, em Três Lagoas-MS. Profa. Flora, que atuou em diversos graus do ensino,

era sensível poetisa, exímia em haicais, cronista e contista. Legou-nos uma bela obra literária, tanto em livros publicados, como na mídia jornalística.

POESIAS

O RIO LIGEIRO

Por que vais assim tão ligeiro?
Ao mar tuas águas levar?
O mar é um devora-rio
E nele, rio
Não mais serás
Serás mar...
Eternamente mar
Lá vem um trem
Correndo vem
Fazendo curva
Jogando apito
Cheio de trem
Eu vejo um trem

Um outro trem.
Trem. Mais trem
É trem que chega
Trazendo gente
Cheia de trem
Trem. Muito trem
Que tenho eu
Com esse trem
Que longe vem
Se não me traz
Nenhum alguém?

FLORA THOMÉ

A CAMÉLIA

...Sobre a grama
A camélia branca
Abandonada...
Hóstia consagrada
Na celebração mística
Eucarística do jardim.

É o argumento da noite
Ou do entardecer...

Segura o que tens, segura
A felicidade... a amargura
Selarão tua existência.

Por que me inspiram
Sempre as mortas flores,
Da incruenta missa
De pétalas e olores?

Que sabes tu da ventura?

Viveste a vida, que mais queres?
A fotossíntese das seivas,
O ciclo dos rosicleres.

Eu sempre fui assim.

E não vou mudar
Perante a vida.

Como a flor, tu foste
Uma apoteose – e o holocausto
Do não-ser.

A corola esmaecida

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

Fundamentos do Escotismo

ARASSUAY GOMES DE CASTRO

O escotismo é um movimento educacional para jovens, com a colaboração de adultos, voluntários, sem vínculo político-partidário, que valoriza a participação de pessoas de todas as origens sociais, raças e crenças, de acordo com o propósito, os princípios e o método escoteiro concebidos por Baden Powell. Os propósitos do movimento escotismo são definidos na promessa escoteira, base moral que se ajusta aos progressivos graus de maturidade do indivíduo:

- Dever para com Deus – adesão a princípios espirituais e vivência ou busca da religião que os expresse, respeitando as demais;
- Dever para com a pátria – lealdade ao nosso País, em harmonia com a promoção da paz, compreensão e cooperação local, nacional e internacional, exercitadas pela fraternidade escoteira;
- Dever para com o próximo – respeito e solidariedade ao próximo, participação ativa no desenvolvimento da comunidade e valorização do equilíbrio da natureza.

O método escoteiro caracteriza-se pelo conjunto dos seguintes pontos, com aplicação eficazmente planejada e sistematicamente avaliada

nos diversos níveis do movimento:

- Aceitação da promessa e lei escoteiras – todos os seus membros assumem um compromisso de vivência da promessa e lei escoteiras;
- Aprender fazendo – educação pela ação, o escotismo valoriza: o aprendizado pela prática; o treinamento para a autonomia, baseado na autoconfiança e iniciativa; os hábitos de observação, indução e dedução;
- Vida em equipe, denominada nas tropas como “sistema de patrulhas”, incluindo a descoberta e aceitação progressiva de responsabilidade; a disciplina assumida voluntariamente; a capacidade tanto para cooperar como para liderar;
- Atividades progressivas, atraentes e variadas, compreendendo: a) jogos; b) adestramento em técnicas úteis, estimulado por um sistema de distintivos; c) vida ao ar livre e em contato com a natureza; d) interação com a comunidade; e) mística e ambiente fraterno;
- Desenvolvimento pessoal pela orientação individual, considerando: a) a realidade e o ponto de vista de cada membro; b) a confiança nas potencialidades de cada jovem; c) o exemplo pessoal do adulto; d) seções com número limitado de jovens e faixa etária próprias.

Surrão de couro

HELIO SEREJO

Surrão: saco de couro, mal trabalhado, que o bandeirante precatado e o furador de sertão levavam nas suas andanças; depósito de cereais, guardador de tecidos, ervas que curam e quinquilharias de toda espécie!

Surrão: resquício do primitivismo, símbolo rude de uma era de brutalidade e arrojo!

Metido num canto da cozinha, do galpão, dentro da carreta ou sobre o lombo do animal, imitando bruaca, ele sempre foi um pertence sertanejo, muito prestativo e de real valor.

Andou – e ainda anda – pelo sertão, de déu em déu, unido ao homem, auxiliando-o nas suas desbravadoras aventuras.

A voz do pampa vive nele!
É feito, quase sempre, do couro da rêz que morreu no atoleiro. Porque, nesse caso, traz sorte.

Se a erva moída é nele guardada, o chimarrão fica tão bom que duas chaleiras só dão para a prova...

Quando velhotão, desbeicado, enrugadito, tem uma serventia, especial, pouco conhecida: guardador de ovos.

Ovo guardado em surrão velho, cheio de calombos, dura um tempão, perfeitinho.

Surrão de couro, pedaço de toda estância; voz crioula dos pagos; baú andejo; irmão da bruaca.

O sol continuará, imperturbável, o seu giro milenar.

No jirau do tempo, o fogo de muitas queimadas manterá vivas as lendas gauchescas.

A pátria nativa crescerá ainda mais.

Os ipês florirão novamente: uma, duas, dezenas de vezes. A carreta mancha avançará para os desertos. Haverá seca. Águas de muitas chuvas inundarão os cômodos. Tudo sofrerá alteração. O progresso destruirá muitos mitos. A civilização norteará o homem para novos fogões e novas campareadas.

Mas você, surrão de couro, ficará!
Você é a amálgama crioula da terra!
Você é a imagem de um passado de heroísmo gaúcho, que vive ainda presente, na paisagem de todos os rincões!

Você sobreviveu e assim seguirá, pelos tempos afora, representando para todos nós a grande a evocadora, a fiel herança do tradicionalismo!